

Inchaço preocupa Brasília

■ Aos 40 anos, a capital vive os mesmos problemas das grandes metrópoles

VALDECI RODRIGUES

BRASÍLIA — Os 40 anos de Brasília, completados anteontem, intensificaram as preocupações com o futuro da capital da República. A cidade planejada por Juscelino Kubitschek para receber no máximo 1 milhão de habitantes no final do século é hoje uma metrópole. A maioria de seus mais de dois milhões de habitantes precisa sobreviver longe dos gabinetes governamentais. E quase todos enfrentam problemas semelhantes aos que infernizam os moradores das grandes capitais brasileiras.

A situação engloba o Entorno do Distrito Federal, que como exemplo do espantoso inchaço populacional abriga a 40 km de Brasília, Águas Lindas, a cidade que mais cresce no mundo, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) - pulou de 5 mil para 150 mil habitantes no período de 1996/99. A explosão demográfica do Distrito Federal é "normalíssima", na avaliação do historiador e escritor Paulo Bertran, que acompanhou todo o processo

de construção de Brasília. O que Paulo Bertran considera assim tão comum é a atração que as grandes cidades exercem sobre pessoas de todas as regiões do país, principalmente das mais pobres.

Lotes — A única particularidade, na visão do historiador, é que os assentamentos realizados na capital do país ajudaram a atrair ainda mais gente. Notadamente os nordestinos, o maior contingente regional da cidade. Quem está na cidade e ganha um lote do governo local logo dá um jeito de trazer um parente para o Planalto Central.

O Entorno do Distrito Federal concentra cerca de 800 mil pessoas. Só Águas Lindas, com 150 mil habitantes, é a quinta mais populosa do estado de Goiás. O vice-governador do Distrito Federal, Benedito Domingos, um pioneiro que trabalhou na construção de Brasília, defende a industrialização das cidades-satélites. Argumenta que o governo não tem como atender a demanda por emprego. Sua receita passa pela criação de microempresas e pequenas

empresas de agricultura familiar.

Disparidade — O crescimento acelerado e desordenado criou uma marcante situação em Brasília. A renda per capita de R\$ 10.974,00 - a maior do país - não camufla a disparidade nas condições de vida de seus moradores. Ao lado de abastados brasilienses, residem cidadãos em condições miseráveis, vivendo em barracões de papelão, como na Vila Estrutural, encravada no Plano Piloto. "Não há como segurar. Todo mundo vem pra cá", afirma o dublê de suplente de deputado federal e radialista Ricardo Noronha. Para ele, a saída está na implantação de um pólo de pequenas indústrias em cada cidade-satélite. "Temos de deixar a idéia de capital administrativa e admitir que estamos numa metrópole", acentua Noronha.

A Codeplan, órgão do Governo do Distrito Federal, projeta uma população de três milhões de habitantes para o ano de 2020. O historiador Paulo Bertran, que fez pesquisas na região para escrever o livro "História da Terra e

do Homem no Planalto", avalia que esse número torna o Distrito Federal impossível de se administrar. Isso se nada for feito o mais rápido possível para solucionar os problemas de segurança, saúde, educação, moradia e emprego. Mais pessoas não podem chegar ao Distrito Federal, vindas de todas as regiões, especialmente do Nordeste.

Empregos — O governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz (PMDB), já está tentando, junto com o governador de Goiás, Marconi Perillo (PSDB), encontrar soluções para as cidades do entorno. Já existe o entendimento entre alguns integrantes do governo de Brasília de que os municípios vizinhos devem funcionar como amortecedores da imigração. Isso exige a criação de empregos para impedir que toda essa massa humana se desloque todos os dias em busca da sobrevivência na cidade. É a saída para que a capital da República não se torne cada vez mais parecida com as metrópoles brasileiras e suas mazelas sociais.

Brasília - 16/4/1960



Os candangos que construíram Brasília temiam a violência da Guarda Policial da Novacap, acusada de vários crimes